

## CARLOS ANTÔNIO BRAGA DE SOUZA

### Transexualidade - Magia e Resistência na Arte.

A celebração da diversidade sexual geralmente é marcada por uma marcha que reúne a comunidade LGTI+. Em vários países democráticos esta celebração é caracterizada por contestação e arte.

A contestação denuncia a violência sobre a comunidade LGBTI+ e, desde a Rebelião de Stonewall, tem sido uma tomada de identidade, organizando o ativismo em várias esferas sociais, desde o direito à adoção até o exercício pleno da cidadania. No Brasil, o que alarma a comunidade é o alto índice de homicídios registrados sobre as LGBTI+. Conforme dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), a cada 19 horas, uma pessoa LGBTI+ é morta. No ano de 2019, 445 pessoas foram assassinadas no país por serem LBGTI+. A Rede Trans Brasil alerta que a cada 26 horas, aproximadamente, uma pessoa trans é assassinada. Uma das faces mais perversas da lgbtfobia no Brasil evidencia-se na baixa estimativa de vida dessas pessoas que é de apenas 35 anos.

A arte é acionada ao trazer fantasia e resistência a uma vida envolta por um contexto de exclusão social. No caso da transexualidade a arte revela possibilidades de ler o mundo e a nós enquanto humanidade. Visitando a história social da arte é possível vislumbrar quanto à transexualidade é também um fenômeno artístico.

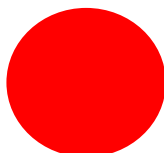
No livro “Moqueca de maridos” (1997), Betty Mindlin apresenta histórias mágicas, narrando mitos tradicionais de várias línguas indígenas, e traduzidos por outros tantos narradores também indígenas, retratando um universo rico de povos milenares. Um destes contos narra a história da mulher do pinguelo grande, evidenciando a presença de seres transexuais no universo mítico tupi-guarani, um dos mais importantes da América do Sul.

Na Grécia antiga, Platão fala do andrógino; em Roma, Ovídio narra o mito do Hermafrodita. As sociedades antigas guardaram reminiscências de um mundo não fechado com a heterormatividade compulsória. E a arte revelará sempre estas lembranças guardadas na mente, clamando por entendimento.

O movimento humanista, por exemplo, expressou essa reminiscência na arte renascentista; Leonardo da Vinci, Michelangelo e Caravaggio estão entre os mestres da pintura que celebraram a ambiguidade sexual, deslocando, quando possível, o gênero da tipificação arbitrária.

As feministas sabem que a história nem sempre foi bem contada. O monoteísmo faz parte desta farsa, sendo uma teia de onde emerge a sociedade patriarcal com seus tentáculos repressivos e fatais aos corpos que resistem. Por isso as esculturas da Grande Mãe foram celebradas por feministas que viram nela a ascendência religiosa fundante do mundo. Todavia, a Grande Mãe paleolítica é também um ser andrógino, pois a magia do nascimento desconhecia a relevância do ato sexual na procriação.

Essas reminiscências permitem localizar a importância artística, atemporal, da transexualidade. O xamanismo, origem das religiões estabelecidas, é a celebração mágica da transição metamórfica dos sexos. O xamã mexicano, por exemplo, vestia-se da pele de uma sacerdotisa, retomando o encantamento do mundo, significando-o. Assim, na atualidade, a transexualidade redistribui a ordem do universo, tomando a arte como ferramenta ritualística e política.





Viviany Belebni, “Crucificação de Jesus”, XIX Parada Gay de São Paulo  
Fotografia: STRINGER/BRAZIL / REUTERS

### CARLOS ANTÔNIO BRAGA DE SOUZA

Identifico-me como não binário.



Tenho graduação em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas; Mestrado em Comunicação Midiática e Doutorado em Graduado em Educação Artística – Artes Plásticas, é mestre em Comunicação midiática e Doutorado em Ciência da Religião. Sou docente da Universidade Federal do Pará, onde ministro as disciplinas História da arte, ética e Informação e Teoria da informação e da comunicação. Coordeno o AGIR – Grupo de pesquisa e extensão sobre arte, gênero, informação e religião – produzindo pesquisa sobre os temas do acrônimo.

Participa de vários coletivos LGBT+, dentre eles os: LGBT+ Real Matriz Africana, Área Étnico Racial LGBTI+, Área Não-Binária Aliança, Área Intersexo Aliança, Estudos Intersexo, além dos coletivos que reúnem ativistas e pesquisadorxs intersexo: LABEL e ABRAI.

Desde 2019 tenho participado junto às áreas LGBTI+ de partidos políticos que são ativos na luta étnica contra o racismo e na luta dos coletivos LGBTI+ contra a lgbtfobia, além de atuar contra a intolerância religiosa, denunciando os abusos cometidos contra o povo de terreiro do Candomblé e da Umbanda.

No momento dedico-me à produção de artigos e à realização online do curso de Biblioterapia com Livros de Artes Visuais.